

Desconto para estudar fora

■ Empresas reduzem tarifas visando manter clientes que desejam fazer curso no exterior

ROBERT GALBRAITH

A explosão do dólar ao longo dos últimos dois meses torpedeou os planos de empresas e instituições culturais especializadas em enviar estudantes para aprender idiomas no exterior. Como as passagens aéreas, cursos e despesas dos programas de intercâmbio cultural estão vinculados à moeda americana, a queda na procura em fevereiro ficou entre 30% e 50%. O mês de janeiro só não foi um desastre porque muitos pacotes já haviam sido fechados nos últimos meses do ano.

A crise cambial derrubou as projeções do presidente do Instituto de Línguas TLI, Sérgio Pires, que pretendia mandar entre 350 e 400 brasileiros para a Califórnia em 1999 em parceria com a agência de viagens Chanteclair. "Vamos cair de 30% a 40%", lamenta.

Para tentar reduzir o estrago nos negócios, Sérgio Pires conta com o fato de muito estudantes só começarem a faculdade no segundo semestre. "Esses jovens são nosso alvo. A parcela da sociedade que puder mandar os filhos não vai desistir. Os pais sabem que eles só serão competitivos no mercado de trabalho se tiverem inglês fluente", aposta. Um

curso de três meses no TLI Brazil-USA, em Pasadena, custa US\$ 4.367 e mais US\$ 788 na passagem aérea. O pacote inclui acomodação num campus universitário, alimentação e 20 horas de aulas semanais. A versão mensal sai por US\$ 1.808 mais US\$ 788 da passagem.

Tarifas – Para evitar desistências e estimular os estudantes, a maior parte das empresas está tentando baixar ao máximo as tarifas. O IED Study Travel oferece programas nos Estados Unidos, Canadá, Europa, Austrália e Nova Zelândia isentando os estudantes dos US\$ 150 da taxa de inscrição e fixando o dólar em US\$ 0,20 abaixo da cotação oficial. Um curso de quatro semanas em uma das universidades da Califórnia custa US\$ 1.940 com todas as taxas de universidade e acomodação em casa de família incluídas.

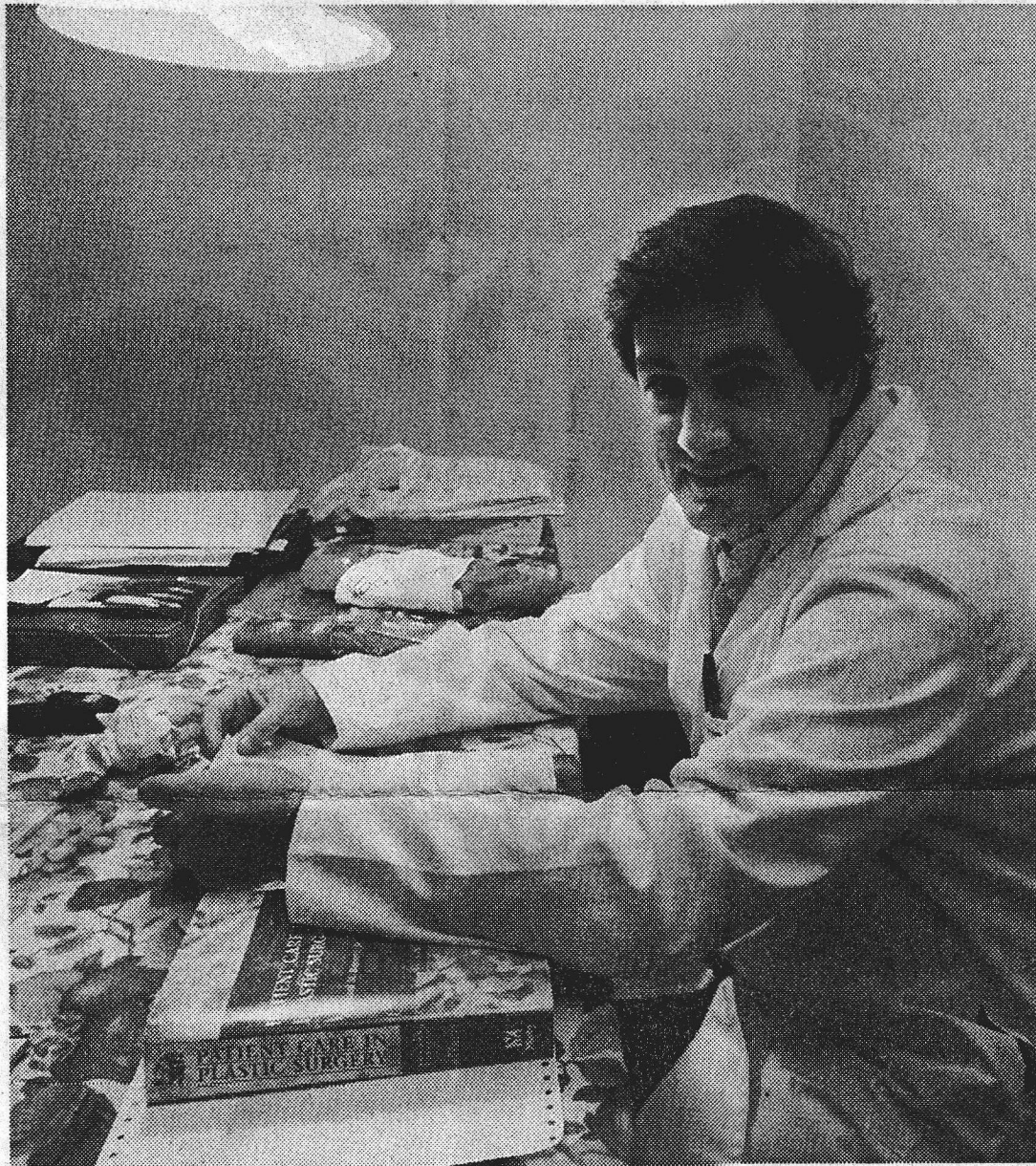
O mesmo programa no Canadá custa US\$ 1.470. A passagem aérea, que não está incluída nesses preços, pode ser comprada em agências com tarifas especiais para estudantes. O IED não sentiu a crise em janeiro, quando registrou um aumento de 20% nas viagens. O baque maior deve ser sentido na contabilidade de fevereiro, que ainda não fechou. "As condições que estamos ofere-

cendo devem melhorar nosso mês de março", diz a diretora do IED, Soraya Yabrudi.

O estudante Rodrigo Galhardo, recém-formado em economia, viu o preço de seu sonho de aperfeiçoar o inglês nos EUA dobrar de preço. Antes da crise cambial, os cerca de R\$ 7 mil que ele havia guardado na poupança cobririam um bela parcela dos US\$ 1.323 da passagem aérea e mais US\$ 7.400 do curso no Lasell College de Boston. Nas primeiras escaladas do dólar, a agência de viagem o recomendou a esperar a cotação do dólar baixar, o que não aconteceu. O resultado foi que a passagem acabou custando R\$ 2.878. A primeira das quatro parcelas do curso foi cobrada com a cotação em R\$ 1,70. "Apesar desse encarecimento, vou porque já estava planejando isso há muito tempo. Meus pais vão me ajudar", conta Rodrigo, que embarca no dia 19.

Uma opção para amortizar uma parte dos custos são os destinos menos cobiçados. O Access Assessoria Educacional e Intercâmbio oferece cursos de um mês em estados do Meio-oeste dos EUA – Utah, Tennessee, Colorado – por US\$ 1.500. "Essa região fala o inglês padrão dos EUA", diz o diretor do Access, Richard Spock.

Fernando Rabelo



Jorge Albertal, médico argentino aluno de Pitangui: "Essa crise me favorece um pouco"

Caem doações para bolsas

Um dos quadros mais dramáticos é o do Rotary Clube do Rio de Janeiro, que depende de doações de sócios e entidades filiadas para garantir bolsas de estudo a brasileiros no exterior e dar continuidade a seus projetos sociais. Após conseguir US\$ 300 mil em doações em 1996, auge do sucesso do Plano Real, o Rotary viu a receita despencar para US\$ 120 mil em 1997 e US\$ 100 mil no ano passado. No balanço de 1999, que fecha em junho, há apenas US\$ 50 mil no caixa. "Nessa altura, éramos para ter pelo menos US\$ 80 mil. A crise fez com que muitas doações fossem suspensas", lamenta a governadora da entidade, Adélia Villas.

O Rotary banca anualmente cerca de duas mil bolsas de pós-graduação no mundo inteiro. A cota de cada país depende da arrecadação. Em 1998, o Brasil obteve quatro bolsas de US\$ 22 mil, mas corre riscos de não repetir o número neste ano. Para evitar um impacto maior, a entidade segurou o dólar em R\$ 1,21 em fevereiro e fixou em R\$ 1,75 para março. Os brasileiros contemplados que forem para o exterior não têm problemas, mas a situação para os estrangeiros que vêm ao Brasil não é tão confortável.

O médico argentino Jorge Manuel Albertal, que está no Brasil há um ano fazendo pós-graduação em cirurgia plástica na PUC por conta de uma bolsa de US\$ 18 mil do Rotary, deverá receber a segunda parcela do dinheiro neste mês numa cotação de R\$ 1,75 para cada dólar, enquanto que as cotações de mercado passam dos R\$ 2. "Quando cheguei no Brasil, achei tudo mais caro em comparação com a Argentina, onde tudo é dolarizado. Como tenho economias lá, essa crise me favorece um pouco", conta o médico, que é aluno de Ivo Pitangui. (R.G.)